

Eng. Heinz Hodl
DREIKONIGSAKTION

São Paulo,

18/10/1989.

ref.:nr. de projeto 212.219-89/206 L

Prezado Sr.,

Assim que recebemos os recursos do projeto, tomamos as providências para adquirir a camera que já estava reservada. Alguns dos acessórios previstos foram comprados por terceiros em Paris e o restante será comprado em Nova Iorque ainda este mês.

Imediatamente, a equipe de pesquisa de campo, constituída por Murilo Santos e Vincent Carelli, contou com um técnico de som e assim se constituiu a equipe de filmagem desta primeira etapa do projeto.

Durante 24 dias (18 de set. à 12 de out.) esta equipe visitou as regiões de Marabá, Jacundá e São João do Araguaia no sul do Pará e Imperatriz, Açailândia, Buriticupú e Santa Luzia no Maranhão.

Nesta oportunidade, pudemos desencadear um processo de discussão e participação de várias organizações de trabalhadores e de apoio aos sindicatos sobre a problemática do Grande Carajás e a implantação da siderurgia a base de carvão vegetal.

Na região de Marabá (Pará), as entidades contactadas e que estão envolvidas no projeto são o CEPASP (Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular), a SPDDH (Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos), a CPT (Comissão Pastoral da Terra), o CAT (Centro Agrário do Tocantins), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João do Araguaia e o Sindicato dos Metalúrgicos do Pará.

No Maranhão estão envolvidos o CENTRU (Centro dos Trabalhadores Rurais) em Imperatriz, a pastoral operária e os sindicatos dos trabalhadores rurais e metalúrgicos de Açailândia e a oposição sindical dos trabalhadores rurais de Santa Luzia.

A nível de pesquisa, pudemos compreender como está se estruturando esta nova atividade na região e que impactos tem tido sobre o modo de vida das populações locais. Neste momento, os trabalhadores rurais não estão sendo diretamente envolvidos pela atividade carvoeira em si, pois esta atividade tem se dado através de um "casamento" entre as siderúrgicas e as grandes madeireiras e agropecuárias. Mas as siderúrgicas vêm constituindo seus próprios latifúndios de mata virgem, agravando ainda mais a já conturbada situação fundiária da região.

A luta dos lavradores sem terra por um lote para plantar diz respeito tanto à ocupação organizada de latifúndios quanto à resistência armada dos posseiros contra pistoleiros e policiais, com um saldo de mortes considerável de ambas as

partes.

Com a pressão internacional relativa à questão do meio ambiente, os grandes empreendimentos que, como diz o povo, "devoram" a mata (madeireiros, agropecuárias e agora siderúrgicas) travestiram suas atividades de um "viés ecológico", com projetos fantasmas de "manejo florestal". E a depredação indiscriminada das matas prossegue em ritmo acelerado.

Enquanto isso o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), órgão recém criado pelo governo federal brasileiro, montou uma "operação-bombeiro" de perseguição às queimadas, especialmente para as redes de televisão nacionais e internacionais. Agentes da Polícia Federal armados de metralhadoras saem de helicóptero fazendo um trabalho a seu ver "educativo" junto à população.

Durante esta viagem realizamos 26 horas de gravações em vídeo onde foram documentadas as usinas, várias formas de produção de carvão (tanto na zona rural como nas grandes serrarias das cidades), a formação dos novos sindicatos de metalúrgicos e os casos mais significativos de conflitos fundiários onde estão envolvidas as usinas e os madeireiros. Estes casos deverão ser acompanhados por ocasião das próximas viagens.

Em todos os momentos ficou evidente a importância e o interesse que tem a documentação comparativa do desenvolvimento da siderurgia em Minas Gerais para todos aqueles que vivem este processo hoje na área do Grande Carajás.

Na segunda etapa do trabalho, a ser realizada nos meses de dezembro 89, janeiro e fevereiro de 90, pretendemos documentar os processos sociais ocorridos nos últimos 20 anos no vale do rio Doce e no "vale do aço" em Minas Gerais e dar início aos trabalhos de edição do material já registrado.

Para cobrir essas despesas, verificamos a necessidade de uma adequação dos valores das parcelas a serem remetidas. Assim, a próxima parcela (início de dezembro) deverá ser de US\$ 12.000,00 e este valor adicional deverá ser debitado da última parcela (que será então de US\$ 8.000,00).

Os trabalhos de edição se estenderão até abril próximo, preparando assim o material para uma segunda viagem ao Pará e Maranhão em maio.

Sem mais no momento nos despedimos atentamente,



Iara Ferraz

VIDEO CARAJAS

Prestação de contas

1@ parcela - 25.000,00 US \$

1- Viagem (pesquisa e gravação)		
	cruzados	dólares
passagens aéreas	4.802,24	906,04
alim./Hospedagem	4.159,00	784,71
transp. em campo	7.388,17	1.393,99
telefone/vários	1.166,58	233,31
TOTAL		3.318,05
2- Honorários		
Murilo Santos (pesq. e gravação)		1.000,00
Cleiton Capelossi (gravação)		400,00
Iara Ferraz (set. e 1/2 out.)		600,00
Vincent Carelli (set. e 1/2 out.)		750,00
Célia Maracajá (gravação)		240,00
TOTAL		2.990,00
3- Equipamentos		
	Francos F.	
boom/suporte mic.	2.528,00	420,00
3 baterias JVC	3.660,00	610,00
gerador Honda		400,00
Mixer/monitor		1.500,00
camera KY-20U,		
Gravador BR-401S,		
4 baterias JVC,		
carregador bat/AC,		
base p/ tripé,		11.800,00
TOTAL		14.730,00
4- Fitas		
10 U-Matic BRS	1.600,00	330,00
10 U-Matic XBR	1.800,00	380,00
Super VHS 120		2.000,00
TOTAL		2.710,00
5- Administração CTI		
telefone, aluguel, serviços,		
outros...		1.300,00
TOTAL GERAL		25.048,05

VIDEO CARAJÁS

1. set./out./nov. - US\$ 25.000 (OK) - equipa/s / honorários
26 h PA/MA (1ª viagem)
2. dez./jan./fev. - 15.000 (OK) - adm. CTI (5.000) - 1.300
câmera (ult. parcela)

3. março/abril/maio - 10.000 - MG - /honorários

↙ edição material PA/MA/MG p/ versões locais
maio → 2ª viagem PA/MA
↓
AGOSTO/SET

- + Guaçu
- Kurubi
- Apinajé

4. junho/jul/ago - 12.000 - finalização

~~5. set./out./nov. - 8.000 - filmagem final
finalização~~